

**ORGANIZAÇÃO PARA EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES
AFRICANOS NO ESTADO DO CEARÁ**

Gino Pereira

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFC

Email: pereiragino@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A capital cearense tornou-se uma opção natural para os estudantes africanos, por conta de acordos que o Brasil vem produzindo e mantendo, por meio de programas de ajuda e de cooperação, desde meados de 2004, com os países africanos, principalmente os Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

As ações de cooperação envolvem treinamento e qualificação profissional. O documento firmado torna possíveis estudos e pesquisas científicas nas nações envolvidas, estimulando a troca de informações entre elas.

São exemplos práticos: o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) o Programas de Cooperação entre universidades/faculdades particulares do Estado do Ceará com governos dos países africanos e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). As ações também envolvem treinamento e qualificação profissional, e o documento firmado, da mesma forma que as ações de cooperação, torna possíveis estudos e pesquisas científicas nas nações envolvidas, permitindo a troca de informações entre elas.

Segundo a Delegacia de Polícia de Migração (DPM), até 2015, foi registrado 2.025 estudantes africanos no estado (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Números dos estudantes africanos por país no Estado do Ceará

País	Guiné-Bissau	Cabo-Verde	Angola	Moçambique	São Tomé e Príncipe	Kenya	Nigéria
Nº Estudantes	1072	647	121	53	130	01	01

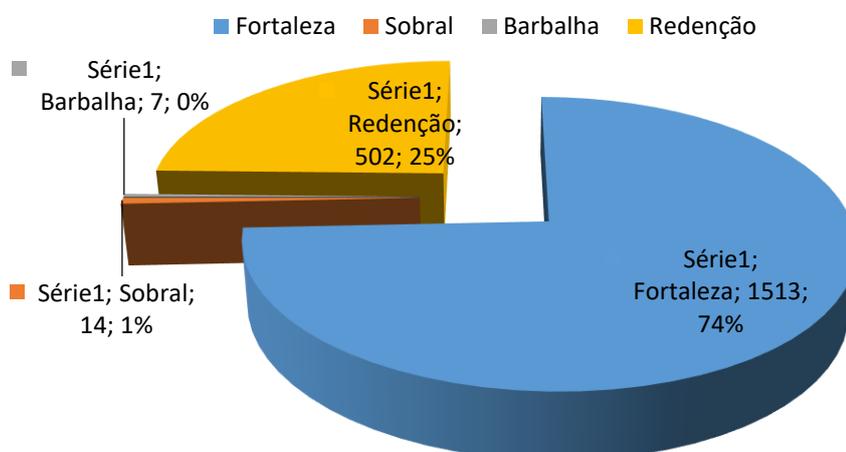
Fonte: Pesquisa Direta, 2016.

Tais programas abrigam um número considerável de estudantes africanos em todo o Estado, mas as universidades não estão preparadas logisticamente para recebê-los, pois não lhes oferecem acomodação em seus *campi*¹ e não colaboram com os processos burocráticos: aluguel de casas e trâmites de documentação, nas instituições de ensino e Polícia Federal, uma vez que estes alunos estão vinculados a estas instituições.

Zygmunt Bauman (2008) afirma que a universidade, como instituição educacional, tem perdido nos últimos anos seu papel preponderante na transmissão de saberes e na formação de profissionais. Um aluno desestruturado jamais conseguirá ter um bom sucesso na universidade, portanto, o apoio da universidade a estes alunos é imperativo.

De acordo com o levantamento realizado durante este trabalho, foi possível perceber que os estudantes africanos estão distribuídos nos principais Municípios de estados em que há Universidades /Faculdades, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1 – Distribuição dos estudantes Africanos por Municípios



Fonte: Pesquisa Direta, 2016

Apesar de as iniciativas de cooperação serem boas, os estudantes africanos enfrentam problemas, sem precedência, pois os programas não atendem às necessidades básicas de sobrevivência dos estudantes, o que ocasiona o crescente problema com

¹ (plural de *campus*) Área de concentração dos edifícios, instalações e terrenos de uma universidade.

alojamento, violência, saúde, segurança e outros fatores dessa ordem que, em demasia, são processos desestabilizadores da ordem social dos estudantes.

Frente aos desafios emergentes, os estudantes organizam-se em associações e grupos para enfrentar os problemas que afetam seu dia a dia. As associações e grupos de estudantes têm, como finalidade, defender direitos de estudantes e promover integração entre si, assim como com a sociedade cearense, em geral.

A organização de associações e grupos acontece em diferentes níveis: primeiro nível, estadual; segundo nível, municipal; e terceiro, o institucional.

Em nível estadual, são organizadas as associações dos países africanos, representados no Estado. Essas associações defendem os direitos de estudantes de seus países, em todo o Estado. Atualmente, existem cinco organizações nesse nível: Associação de Estudantes Africanos no Ceará (AEAC); Movimento Pastoral Africano (MPA); Associação dos Estudantes Guineenses no Ceará (AEGC); Associação de Estudantes Cabo-Verdianos no Ceará (AECVC); Comitê Acadêmico (CA).

Em nível municipal, as organizações estudantis existem somente no Município de Redenção: Associação dos Estudantes Guineenses no Município de Redenção (AEGR) que tem função de defender os interesses de estudantes deste país nesse Município. Associação dos Estudantes Cabo-Verdianos no Município de Redenção (AECVR); Associação de Estudantes de Moçambicanos no Município de Redenção (AEMR); Associação de estudantes de São Tomé e Príncipe no Município de Redenção (AESTPR); Associação de Estudantes de Angola no Município de Redenção (AEA), e todos defendem interesses dos estudantes de seus países, neste município.

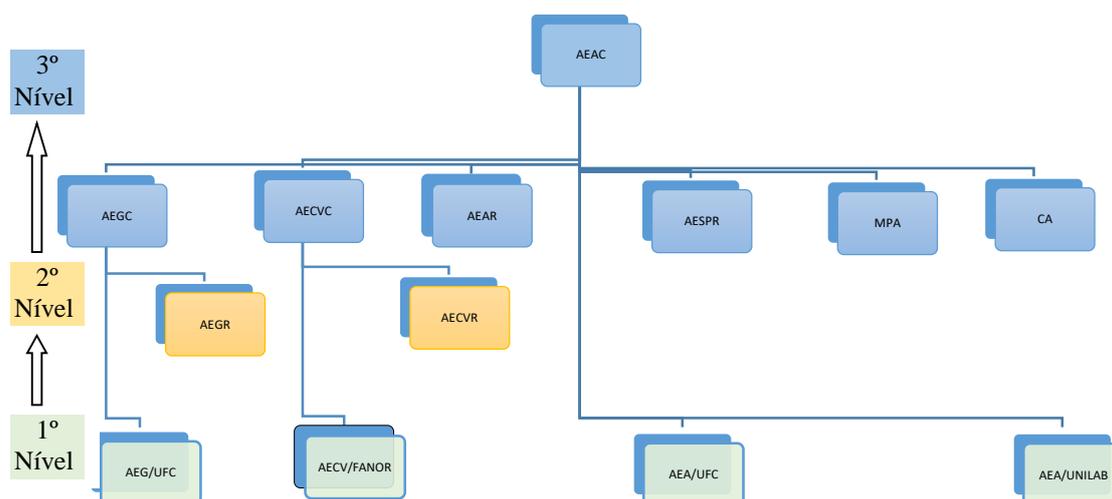
Já no terceiro nível, encontram-se as associações e grupos criados nas universidades/faculdades, esses têm finalidades de defender direitos dos estudantes africanos nas instituições de ensino na qual estão vinculados, assim como promover a integração desses na comunidade estudantil.

As organizações que se encontram nesse nível são: Associação dos Estudantes Cabo-Verdianos na FANOR, (AECV/FANOR); Associação dos Estudantes Guineenses na Universidade Federal do Ceará (AEG/UFC); Associação dos Estudantes Africanos na Universidade Federal do Ceará (AEA/UFC); Associação dos Estudantes Africanos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Redenção (AEA/UNILAB). Essas organizações desempenham papel importante, no dia a dia dos estudantes, em suas instituições de ensino, resolvem pequenos problemas que venham a afetar a vida estudantil dos alunos.

Cada uma dessas organizações é importante no sistema organizacional da comunidade dos estudantes africanos. No entanto, cada uma delas atua dentro de seus limites e junto ao seu público-alvo. Só é permitida atuação de outras organizações quando a situação está fora de controle da que é responsável para resolver problema desse nível.

As responsabilidades de resolver os problemas passam de níveis inferiores para superiores, sucessivamente, até chegar no topo na (AEAC), ou seja, existe uma hierarquia na resolução dos problemas. A Figura 2 mostra a hierarquização das organizações dos estudantes africanos no Estado do Ceará.

Figura 2 - Hierarquização das associações e grupos de estudantes africanos no Estado do Ceará



Fonte: Pesquisa Direta, 2016.

A organização para empoderamento dos estudantes africanos no Estado do Ceará torna-se cada vez mais necessário, pois, a cada dia que passa, os estudantes enfrentam diversos problemas de caráter social, cultural e econômico. As organizações acima citadas são grupos que conformam coletividades, no sentido adaptado de Baugartem (2004), ou seja, de um grupamento de indivíduos com a mesma procedência, já que nascidos em África, porém, de diversos contextos nacionais, étnicos e tribais. Indivíduos que, nos diferentes espaços urbanos, num contexto de imigração, constituem um *locus* de interação e inter-relações entre as diferentes nacionalidades.

O trabalho teve os seguintes objetivos - geral: Analisar a forma com que os estudantes africanos organizam para empoderamento de seus problemas; específicos:

identificar as principais associações e grupos de estudantes africanos no Ceará; descrever as funções de cada associação e grupo; compreender como se dá a relação entre as associações e grupos; Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas associações ou grupos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada aqui é a pesquisa bibliográfica, documental e participativa sobre a organização dos estudantes africanos no Ceará, interligando o contexto brasileiro e o internacional.

Na pesquisa documental, foi preciso fazer levantamento de dados de estudantes na Delegacia de Polícia Federal, assim como levantamento de número de estudantes africanos, em diferentes universidades/faculdades do Estado do Ceará, suas nacionalidades e os municípios em que se encontram resididos como estudantes.

A pesquisa participante insere-se na pesquisa prática, classificação apresentada por Demo (2000, p.21), para fins de sistematização. Segundo esse autor, a pesquisa prática “é ligada à práxis, ou seja, à prática histórica, em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção. Haguete (1985) ressalta que, em determinados momentos da pesquisa e nossa experiência, mostra que é um processo educativo que atinge a equipe envolvida, pesquisadores e participantes interagem na dialética do processo.

Noronha (2001), resgatando críticas de pesquisadores sobre a pesquisa participante, ressalta “A relação dialética sujeito-objeto tem como pressuposto que a teoria se altera no trânsito com a realidade, assim como esta também se altera com a teoria”.

Foi preciso elaborar um roteiro que levasse em conta o anuário de todas as associações e grupos de estudantes, com a disposição de participar nas atividades das referidas organizações, no sentido de se inteirar dos problemas e as potencialidades organizacionais desses.

Para isso, foi necessário dividir a pesquisa participativa em três etapas: primeira etapa, contatos com os líderes de associações e grupos para elaboração de anuários, em conjunto, para que as atividades não coincidam nas datas e nas modalidades, a fim de possibilitar a participação dos alunos nas atividades de todas as associações e grupos.

A segunda etapa foi preenchida com a realização das atividades intencionadas por cada organização, segundo o anuário estabelecido com as lideranças das mesmas.

Na terceira etapa, foi organizado um encontro com todas as lideranças para analisar os resultados de cada atividade realizada por cada associação e os impactos que as mesmas proporcionaram no seio comunidade dos estudantes africanos no Ceará. Nessa etapa, também foi discutido quais são as atividades que podem ser realizadas, em comum, entre as organizações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante este trabalho foi realizado dois encontros: a primeira com a comunidade estudantil e a segunda com as lideranças. A primeira teve o propósito de ouvir os principais problemas da classe. No encontro, foi possível ouvir diversos relatos que revelam os problemas, pessoais e comuns. Os problemas citados nos relatos foram da ordem social, tais como: segurança, saúde, alojamento, estágio profissional, documentação, racismo nas ruas e instituições de ensino.

No segundo encontro com as lideranças, foram discutidas as estratégias de enfrentamento dos problemas acima citados, onde cada associação e grupo assumiu a responsabilidade de dar encaminhamento das estratégias elaboradas pelo grupo dos líderes. O grupo decidiu que a mesma estratégia será adotada por todas as organizações, cada associação ou grupo vai atuar na sua área e sobre seu público alvo, reportando assim todas as informações para o grupo dos líderes, para que esses possam analisar os avanços do plano estratégico e se a estratégia precisa mudar ou não, ou se algumas decisões coletivas precisam ser tomadas, caso os problemas ultrapassem a competência da associação ou grupo local.

Foi dado um encaminhamento coletivo na Defensoria Pública da União (DPU) para apuramento de causa de morte de quatro estudantes africanos assassinados entre 2011 a 2016, nomeadamente Verdianos Jason Teixeira Hoffer Barreto, de 22 anos e de nacionalidade cabo-verdiano; Shwarzenegger Buchawald Vieira Monteiro, 24 anos, e nacionalidade guineense; Paulo Romão, de 24 anos, cabo-Verdiano; Vânia Fernandes, de 21 anos, também cabo-verdiana.

Vendo os seriíssimos problemas que estudantes enfrentam no Estado, a DPU disponibilizou um dia específico para atendimento dos estudantes africanos (sexta feira), a fim de poder fazer com que os problemas dos mesmos cheguem com mais rapidez à

instancia superior. Isso, com certeza, foi um grande avanço na resolução dos problemas dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da possibilidade de ser valorizado como estrangeiro, os estudantes africanos sofrem outros processos, nos quais à questão da origem e da cor da pele juntam-se outros aspectos como elementos-suportes de ações racistas e discriminatórias. Por tudo isso, ser negro e estrangeiro, como diz Gomes (2002), só potencializa o preconceito e a discriminação. Portanto, muito dos problemas dos estudantes africanos não são atendidos pelas autoridades municipais e estaduais pela presença de preconceitos e racismo.

Para tanto, se considera que a organização dos africanos no Ceará é necessária, pois, sem ela a situação de muitos estudantes estaria piorando. É nessas organizações que os problemas são discutidos, organizados e resolvidos. Portanto, é imprescindível que todas as associações e grupos continuassem a trabalhar, ligados de forma a superar seus problemas, buscando, assim, as parcerias com as autoridades e com os Municípios, em conjunto com o Governo de Estado, a fim manter um diálogo profundo, na tentativa de equacionar os problemas supracitados.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUNGARTEN, M. Comunidades ou coletividades? O fazer científico na era da informação. Política e Sociedade. **Revista de Sociologia Política**. Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, UFSC. Florianópolis, Cidade Futura, nº 4, abril de 2004, p. 97-136.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 1981. 159p.

GOMES, J. M. S. **Estudantes na terra dos outros**. A experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. 2002.

HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987, 163p. Janeiro: Zahar, 2005.

NORONHA, Olinda M. **Pesquisa participante**: repondo questões teórico-metodológicas. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001, p.137-143.